



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JULIO CESAR OLIVEIRA ANDRADE MOREIRA

**O PECADO DA INVEJA DE TOMÁS DE AQUINO SOB A LUZ DA PSICOLOGIA
JUNGUIANA**

Juazeiro do Norte
2021

JULIO CESAR OLIVEIRA ANDRADE MOREIRA

**O PECADO DA INVEJA DE TOMÁS DE AQUINO SOB A LUZ DA PSICOLOGIA
JUNGUIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Tiago Deividy Bento Serafim

Juazeiro do Norte
2021

JULIO CESAR OLIVEIRA ANDRADE MOREIRA

**O PECADO DA INVEJA DE TOMÁS DE AQUINO SOB A LUZ DA PSICOLOGIA
JUNGUIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Tiago Deividy Bento Serafim

Aprovado em: 06/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Tiago Deividy Bento Serafim
Orientador

Prof. Me. Alex Figueirêdo da Nóbrega
Avaliador

Prof. Me. Cícero Reginaldo Nascimento Santos
Avaliador

O PECADO DA INVEJA DE TOMÁS DE AQUINO SOB A LUZ DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Júlio César Oliveira Andrade Moreira¹
Tiago Deividty Bento Serafim²

RESUMO

O presente artigo trata de uma leitura do pecado da inveja descrito por Tomás de Aquino, em sua obra Sobre o Ensino (De Magistro) Os Setes Pecados Capitais usando a abordagem teórica do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. O trabalho se resume em um estudo bibliográfico, logo, de caráter qualitativo. O trabalho teve como meta descrever a inveja tomasiana tratando-a como um símbolo, portanto, como um mecanismo psíquico e, assim, entender como a inveja opera nos processos consciente e inconsciente da mente humana individual e coletiva. Com isso, chegou-se a compreender que a inveja de Tomás de Aquino é um conceito equiparado ao da neurose junguiana, e sendo assim, promotora de patologias tanto individuais quanto coletivas. Para a coletividade é vista como um vírus, pois rompe os laços sociais dos grupos uma vez que a inveja é o polo oposto da caridade, a qual se compreende o doar-se ao outro, segundo a filosofia de Aquino

Palavras-chave: Pecado. Inveja. Psicologia Analítica. Jung. Tomás de Aquino.

ABSTRACT

The present article is about a reading of the sin of envy described by Tomás de Aquino, in his work On Teaching (De Magistro) The Seven Deadly Sins using the theoretical approach of the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung. The work is summarized in a bibliographic study, therefore, of a qualitative character. The work aimed to describe the Tomasian envy treating it as a symbol, therefore, as a psychic mechanism and, thus, to understand how envy operates in the conscious and unconscious processes of the individual and collective human mind. With that, it was understood that Tomás de Aquino's envy is a concept equivalent to that of Jungian neurosis, and therefore, promoting both individual and collective pathologies. For the collectivity it is seen as a virus, as it breaks the social ties of the groups since envy is the opposite pole of charity, which is to understand giving oneself to another, according to Aquino's philosophy.

Keywords: Sin. Envy. Analytical Psychology. Jung. Thomas Aquinas.

1 INTRODUÇÃO

Os setes pecados capitais, ou vícios capitais, foi uma organização atribuída ao frade Tomás de Aquino, onde criou, a partir do seu ponto de vista, uma ordem para o estudo dos pecados como era compreendida por outros estudiosos de sua época. Assim, Tomás de Aquino

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: julioandrade063@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: tiagodeividty@leaosampaio.edu.br

passa a compreender que existem pecados que são capitais, ou seja, ordenam, comandam, e existem outros que seriam filhos destes primeiros. Com isso pode-se estruturar os pecados capitais em número de sete, que são: a inveja, a vaidade, a avareza, a ira, a luxúria, a gula e a acídia (DE BONI, 2018).

A inveja é tratada por Tomás de Aquino (2000) como um pecado mortal, pois segundo ele, fere um princípio básico e natural da alma, que é a caridade. A caridade sendo o amor ao próximo é o oposto da inveja pois nesta o sujeito invejoso sente-se triste, dolorido pela grandeza do bem do próximo. Logo, não há a síntese dos mandamentos crísticos em jogo: amar o próximo como assim mesmo. Com isso, a inveja passa a entrar em uma discussão social, pois é na relação com o próximo que ela se manifesta. Sendo com isso, importante tema para se compreender a construção e manutenção dos laços sociais bem como a desintegração destes.

A psicologia analítica, desenvolvida pelo suíço Carl Jung, traz em seus estudos a possibilidade de destrinchar símbolos de nossa sociedade e com isso alargar a compreensão que se pode ter destes para outros níveis de entendimento. Ao se falar de símbolo, a psicologia não se refere apenas a imagens pictóricas, imagéticas, etc., mas, como diz o psicólogo André Dantas (2020), a conceitos filosóficos, teorias, pois existem dois lados do simbólico, o lado da anima, ou feminino, mais voltado para o estético, que seria o símbolo imagético, e o lado do animus, que trata do aspecto racional, teórico do símbolo.

Assim, este trabalho objetiva descrever o pecado da inveja segundo a proposta dada por Tomás de Aquino deste vício, utilizando os estudos da psicologia analítica para compreender tal proposta como um símbolo racional (animus) e como este funciona, quais são seus mecanismos se pensarmos em seu funcionamento como uma dinâmica psíquica, assim como visa descrever o pecado da inveja conceituado por Tomás de Aquino, tratar tal conceito como um símbolo, compreender como tal conceito (símbolo) funciona segundo as leis psíquicas propostas pela teoria junguiana. Assim, ao fim do trabalho, tem-se uma visão de como a teoria junguiana pode compreender a inveja, considerando, claro, sua origem tomasiana.

Este tema de pesquisa fora escolhido pelo autor pois ao longo das vivências no campo da psicologia, pode se deparar com a inveja em seus mais recônditos campos, ora disfarçadas, ora às claras. Assim, viu-se a necessidade de entender melhor este atributo religioso e cultural sob um olhar psicológico e técnico. A pesquisa elaborada vê sua importância no campo da psicologia e mais precisamente na psicologia da religião, uma vez que, para o estudioso da psicologia é de suma importância compreender o fenômeno religioso sobre sua ótica psicológica a qual aborda e lê o mundo. Sendo tal pesquisa desenvolvida no Centro Universitário Unileão, situado no Cariri Cearense, um polo de múltiplas manifestações

religiosas, tal estudo poderá contribuir para os psicólogos quando estes se depararem com o sujeito religioso manifestando sua crença e fé. E como justificativa social, pode-se compreender que a pesquisa se preocupa com a constituição saudável de um grupo, comunidade, coletividade, pois a inveja, como será visto nesta pesquisa, teoricamente, desagrega os membros ali unidos, rompendo laços e comprometimentos.

2 METODOLOGIA

O presente artigo diz respeito a uma pesquisa de caráter qualitativo, bibliográfico, conforme a classificação de Gil (2002). Tem o intuito de estudar e explicar a visão de Tomás de Aquino sobre o pecado da inveja e como a psicologia analítica pode entender tal conceito utilizando seu arcabouço teórico para realizar tal releitura. Assim, o pecado da inveja será tratado como um símbolo, e deste modo, como todo símbolo para a psicologia de Jung possui leis universais de funcionamento, será este submetido a tais lógicas, afim de se entender como a inveja tomasiana funciona dentro de uma dinâmica psíquica.

A pesquisa foi realizada utilizando como fonte para obter tal conceituação de Tomás de Aquino o livro “Sobre o ensino (De Magistro), Os setes pecados capitais”, onde foi feita a leitura apenas do tratado sobre Os setes pecados capitais. Tal texto é um compilado de artigos extraídos de suas obras: da Questões disputadas sobre o mal (*De malo*), e da Suma teológica (*Summa theologiae*).

Do texto sobre Os sete pecados capitais foram analisados os únicos dois tópicos que falam sobre a inveja: o primeiro “A gravidade da inveja” e o segundo “As filhas da inveja”. E após a leitura, buscou-se extrair como meta principal a conceituação em si do que seria a inveja para Tomás de Aquino. Assim, tal leitura foi feita a partir da seguinte pergunta investigativa: o que é a inveja para Tomás de Aquino? Porém, no corpo do artigo outros pontos importantes foram explanados além de tal conceituação, pois merecem atenção a fim de introduzir tal tema, como por exemplo a própria ideia do que seria o pecado. E para a releitura de tal proposta tomasiana a partir de Carl Jung e os pós junguianos, foram usadas publicações da psicologia analítica resumindo em livros. Os livros foram obtidos no acervo pessoal do pesquisador.

Vale ressaltar que tal releitura elaborada possui seu caráter de flexibilidade quanto a abertura de outras compreensões, uma vez que, o mesmo símbolo, inveja, pode ser entendido de maneiras diferentes sem que com isso perca sua veracidade teórica, pois as dualidades para a psicologia analítica se complementam e não se divergem (JUNG, 2008; 2013).

3 TOMÁS DE AQUINO E A CONSTRUÇÃO DOS SETES PECADOS CAPITAIS

Tomás de Aquino nasceu em Roccasecca em 1224/1225, onde desde pequeno fora doado ao mosteiro de Monte Cassino, segundo a tradição que havia na época, ficando lá no período de 1230 a 1239. Ao ingressar na faculdade, estudou Artes (filosofia) onde se aproximou do pensamento grego e árabe (DE BONI, 2018)

Em 1244, Tomás de Aquino decide se tornar frade dominicano, que significava fazer voto de pobreza, andar pelas ruas descalços, viajar e morar em lugares pobres. Essa decisão assolou a nobreza de sua família, a qual esperava vê-lo como um monge. Os parentes, então, o aprisionaram em sua casa por um ano, onde em 1245 é libertado, vendo estes impossível reconciliação de ambas as partes. Em 1245 e 1248 ele conclui seus estudos de formação na cidade de Paris (DE BONI, 2018).

O Trabalho de Tomás de Aquino sobre os sete vícios capitais foi uma realização que teve como origem os estudos de João Cassiano e Gregório Magno, onde estes realizaram um elaborado estudo sobre a alma humana, cabendo neste o assunto sobre os vícios capitais humanos. Assim, Tomás faz um acabamento em tal conteúdo, organizando-o em número de sete. Estes autores tinham a visão da necessidade de recorrer aos fatos para se compreender a origem do mal humano. Com isso, Tomás traz essa marca em sua releitura, mergulhando na experiência concreta destes a fim de compreendê-los melhor (AQUINO, 2000).

Tomás de Aquino então traz a numeração de que são sete os vícios capitais, sendo eles: a vaidade, a avareza, a inveja, a ira, a luxúria, a gula e a acídia. Eles recebem esta denominação de capital vindo de *caput*, que significa cabeça, líder, chefe. Com isso estes sete seriam os responsáveis, os chefes dos demais vícios que existem na natureza. Estes outros são considerados filhas dos pecados capitais (AQUINO, 2000; FREITAS, 2007).

No lugar da vaidade hoje se vê a soberba, e no lugar da acídia tem-se na igreja a preguiça. Isso ocorre porque para Tomás de Aquino (2000) a soberba é considerada um pecado mega capital, o além dos capitais, preferindo o termo vaidade para descrever este fenômeno. O mesmo ocorre com a acídia, porém este termo é substituído pela preguiça por empobrecimento da linguagem, ou melhor dizendo, pela evolução da mesma, uma vez que este termo tem um caráter mais medieval, não tendo muito uso nos dias atuais. Isso ocorre com outros vícios filhas dos capitais. Um exemplo se dá com a filha da inveja chamada por Tomás de *sussuratio*, que seria, hoje em dia, chamada de fofoca de inveja (AQUINO, 2000; FREITAS, 2007; DE BONI, 2018).

Tomás de Aquino começa seu tratado sobre os vícios capitais discutindo o conceito de vício capital e traz a conclusão de que o pecado capital engendra uma série de motivações, onde a análise desses mecanismos de fins faz surgir os setes vícios básicos que, por sua vez, ocasionam o surgimento de outros pecados. Em seguida, Aquino trata sobre a soberba, que seria um pecado geral, sem um dado objeto próprio. Todo pecado para Tomás de Aquino se especifica por um objeto próprio a ele, algo a qual o pecado perverte. Desse modo a soberba se bem definida estaria presente em todos os pecados, uma vez que o que a soberba subverte é a excelência, a busca pela semelhança para com Deus. Logo, seu objeto é muito amplo, estando em todos os outros pecados. Com isso, Tomás de Aquino não inclui a soberba na lista dos setes pecados, considerando ela um pecado além dos setes básicos (AQUINO, 2000).

Assim, com o que foi dito, Tomás de Aquino considera que o pecado capital que se aproxima da soberba em aparência é a vanglória (vã glória) ou a vaidade, pois subverte o bem que há na glória, tornando-se uma glória vã da vaidade. Mais à frente Aquino cita e descreve as filhas da vaidade. E finalmente, após isso Aquino explana sobre a Inveja, tratando-a como um pecado mortal. Posteriormente, como faz com todos os pecados, descreve as filhas da inveja, numerando-as num número de cinco (AQUINO, 2000).

Depois da inveja Aquino trata da acídia e suas filhas, que são: o desespero, pusilanimidade, torpor, rancor, malícia e a divagação da mente. Após isso ele fala sobre o pecado da ira e suas filhas. Aqui ele se refere a um impulso positivo da ira, na direção da busca de um bem. Em seguida, discorre sobre a avareza e acentua que uma de suas filhas é a traição, apontando o porquê de Judas de traído Jesus, uma vez que ele roubava da bolsa comum. Depois da avareza ele pontua sobre a gula, sendo uma desorganização do ato de desejar, bem como todos os outros vícios. Aqui seria uma desordem do ato de comer e beber. E termina seu texto falando sobre a luxúria (AQUINO, 2000; FREITAS, 2007).

4 A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG

Como esta pesquisa tem como objetivo fazer uma leitura dos setes pecados capitais à luz da Psicologia Analítica, este tópico será dedicado a apresentar alguns pressupostos e conceitos básicos deste campo teórico desenvolvido por Carl Gustav Jung.

A psicologia analítica foi desenvolvida pelo teórico suíço Carl Gustav Jung, tendo em seu arcabouço teórico fortes influências do filósofo Kant e da filosofia romântica alemã, dos métodos de atuação da psiquiatria dinâmica e também da forte prática clínica do autor. Como influência filosófica Stigar e Ruthes (2020) apontam os seguintes pensadores além de Kant:

Nietzsche, Charles Darwin e Freud. Sobre a psiquiatria dinâmica, dita anteriormente, fazia uso de concepções filosóficas e o método dialético neo-kantiano para compreender as enfermidades psíquicas. A psiquiatria dinâmica foca mais na compreensão do adoecimento do que a descrição deste, ressaltando a subjetividade do adoecido (PENNA, 2004).

Foi com os pressupostos da psiquiatria dinâmica que surgiu uma medicina psicodinâmica, com o envolvimento de psiquiatras, neurologistas e filósofos, sendo a psicanálise de Freud a primeira a inaugurar este campo de pesquisa e terapia. Como se sabe, a psicologia analítica junguiana vem como dissidência da psicanálise, porém, recebeu em sua construção mais influências dos filósofos românticos alemães do que da própria psicanálise (ROBERTSON, 1992; PENNA, 2004).

Em sua época de origem a psicologia de Jung fora bastante criticada pelos estudiosos e pesquisadores da época, no entanto, do mesmo modo, houve muitos seguidores que aderiram ao seu trabalho. As críticas seguiram até a metade do século XX, porém, alguns estudiosos de Jung compreendem que sua mentalidade estava muito à frente de sua época, e que a sua psicologia fora desenvolvida para as pessoas do século XXI (CAMOLESI, 1993; PENNA, 2004).

4.1 A ESTRUTURA PSÍQUICA

Para a psicologia analítica a psique é dividida entre o consciente e o inconsciente. O consciente se compreende a moral social, o senso de ordem, de lógica, o planejar para realizar etc. Sua luz é voltada para a realidade, porém, captando-a de modo fragmentado, não total (DE SÁ; FERNANDES, 2016; DANTAS, 2019). Seu centro é no “Eu”, uma estrutura que representa o pensar sobre si, aquele que deseja, que busca, que age. Segundo Stigar e Ruthes (2020) o Eu é responsável pela adaptação psíquica às novas configurações da realidade. Já o inconsciente é dividido entre o pessoal e o coletivo.

O inconsciente pessoal é composto por conteúdos do sujeito adquiridos ao longo de sua vida, ao experienciar o mundo e a sua realidade. Dentro do inconsciente pessoal existem o que Jung chamou de complexos, que são vários conteúdos pessoais aglomerados com fortes cargas afetivas, fazendo parecer uma psique a parte, atuando como que espontaneamente na vida psíquica do sujeito. Estes, muitas vezes, invadem a consciência do sujeito tomando às rédeas de sua vida. Sua origem é geralmente atribuída a um trauma emocional na qual fez fragmentar a consciência levando esses fragmentos para o inconsciente. Esse movimento de empurrar ao

inconsciente tais peças cingidas da consciência é feito mediante algum conflito moral que ocorreria caso tais conteúdos permanecessem na consciência (DE SÁ; FERNANDES, 2016).

Já o inconsciente coletivo, segundo De Sá e Fernandes (2016), possui conteúdos herdados da mente do homem primitivo, um estágio anterior ao homem atual, que possui suas repercussões nas lendas, mitos, religiões etc. Jung chamou tais materiais psíquicos de imagens primordiais ou Arquétipos. Contudo o próprio Jung (2008; 2013; 2014) não gostava dessa ideia de hereditariedade na temática arquetípica. Muitos confundiram o arquétipo com as representações conscientes dos temas e imagens mitológicos. Esses não poderiam ser herdados visto sua multiplicidade de formas e detalhes. Assim, o arquétipo é na realidade uma tendência instintiva dentro do psiquismo humano a formar essas mesmas representações de um motivo mitológico. Sendo assim, cada sujeito irá representar este motivo da sua maneira, não perdendo a lógica original do mesmo.

O arquétipo pode ser compreendido da seguinte forma: composto de imagem e força, esta segunda sendo constituída de energia psíquica ou libido. Esta energia é quem gera a imagem do arquétipo. A força do arquétipo necessita de um meio, ou *medium*, para se manifestar (JUNG, 2013). Outra forma que Jung (2008) os descreve seria carregado de imagem e emoção, sendo necessárias as duas partes para que se possa falar de arquétipo. Segundo Sallie Nichols (1988) as figuras arquetípicas possuem, além do já dito, duas dimensões: uma parte retrata o lado luz do arquétipo, e o outro seu lado sombra, a parte geralmente temente pela consciência.

Cada situação de calamidade, que requer uma adaptação por parte do Eu, irá gerar um movimento de constelação no inconsciente e romper na consciência um determinado arquétipo que corresponda aquele momento específico. Devido ao valor numinoso deste arquétipo, ou seja, dotado de energia psíquica, ele atrai conteúdos do consciente para poder se tornar percebido pelo Eu. Geralmente esse movimento é experienciado como uma inspiração, revelação ou ideia salvadora. Esse movimento se inicia pela introversão e/ou regressão da libido (JUNG, 2013).

Essa regressão, acionando a camada do inconsciente coletivo, proporcionará uma mudança psíquica; uma morte de um padrão de existência, e o nascimento de uma vida nova. Porém, para tal, é necessário que a regressão ocorra de forma coerente. Assim, o Eu se reúne com o mundo dos instintos naturais, onde se estes forem compreendidos pela consciência, ou seja, aceitos e assimilados, haverá uma reanimação e reordenação de toda a estrutura psíquica (JUNG, 2013; RUBINI, 2020). Com isso, a reanimação dos arquétipos por meio da libido

introvertida é um processo compensador e curador, assim como os mitos são para os povos primitivos; este seria o processo de individuação.

4.2 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

O processo de individuação é um conceito criado por Jung para representar um caminho percorrido pela consciência, ou o Eu, em direção a integração dos pares de opostos de sua psique. Nesse processo ocorre o desmascarar do si mesmo, ou Self, das falsas imagens da persona. Ou seja, retirar as identificações do Eu com os seus papéis sociais, aproximando-se assim de uma personalidade equilibrada e saudável (JUNG, 2014).

Este caminho é percorrido pelo Eu, porém sua trilha é construída de forma inconsciente e natural, mediante a própria regulação psíquica, ou seja, realizada pelo si mesmo. Deste modo, nos sonhos, é comum surgirem imagens de árvores representando este processo, visto que o crescimento da árvore é natural, lento e involuntário, tal como o amadurecimento da psique. Outra imagem que também pode representar este processo são as viagens a lugares desconhecidos, descobrindo novas possibilidades e rumos (JUNG, 2008).

Assim, o processo de individuação é uma assimilação e integração na mente consciente com o vasto campo dos instintos inconscientes, muitas vezes rejeitados pelo homem moderno, levando a personalidade a uma renovação, a um alargamento de percepções. As interpretações dos símbolos, seja num sonho do sujeito, numa visão, numa identificação etc., exerce uma ferramenta crucial para este processo, pois é da natureza dos símbolos a integração dos opostos, ou seja, a reconciliação da luz com a parte sombria da personalidade (JUNG, 2008; JUNG, 2013).

Nos primeiros estágios do processo de individuação o sujeito experimenta o que a Dr. Marie Luise von Franz chamou, no livro *O homem e seus símbolos*, de uma lesão à personalidade, visto que o processo convida o ego a realizar um sacrifício de posturas limitantes de sua personalidade até então assumidas. Assim, ele sente-se frustrado frente à vida, sem saber por quê, e passa a pôr a culpa em objetos exteriores. Desse modo, nenhuma solução vinda do mundo externo poderia resolver tal tédio espiritual. Cabendo somente como cura uma análise sobre si mesmo, mas precisamente, sobre seu inconsciente, e aceitar o convite feito pelo Seu self à regulação e equilíbrio psíquica (ROBERTSON, 1992; JUNG, 2008).

4.3 O SI MESMO

O Si mesmo é a representação da totalidade psíquica. Sua função é promover uma movimentação da psique em direção à unidade, à individuação, por meio de processos sucessivos de integração (STIGAR; RUTHES, 2020). Contudo, Dantas (2019, 2020) coloca que o si mesmo além de ser integrador, possui a capacidade do seu polo oposto, a desintegração. Uma vez que para ser denominado de arquétipo este deve possuir a capacidade de unir e negar seus polos complementares. Considerar o si mesmo apenas integrador seria compreendê-lo pela metade.

Sua imagem é equiparada com uma forma divina. Geralmente aparecendo como um quaternário. Em sua constituição não há polos, não há extremos. Assim, há luz e sombra, dia e noite, alto e baixo, exterior e interior; ou seja, consciente e inconsciente. Deste modo, é comparado com a forma circular, pois esta não tem fim nem começo, é uma unicidade ímpar (JUNG, 2008; JUNG, 2013).

Com isso, o si mesmo busca orientar a psique para que esta amadureça e se desenvolva. Assim, surge nos sonhos, por exemplo, como um centro regulador que busca o equilíbrio da personalidade. Desse modo, o quanto o indivíduo vai se desenvolver, ou seja, possuir uma personalidade mais equilibrada e única vai depender do eu deste, pois é mediante a atenção aos seus processos inconscientes que a psique vai se regulando. A realização do sujeito só pode partir mediante a vontade do seu eu unida à orientação do si mesmo, pois o eu é quem possui a vontade/querer consigo (JUNG, 2008).

5 O PECADO DA INVEJA SOBRE O OLHAR JUNGUIANO

Para fazer esta releitura tem-se que considerar alguns pontos para começar a tratar do assunto. Primeiramente tem-se que ter claro que tal releitura sob a óptica junguiana não traz em si a compreensão da inveja segundo a psicologia analítica, pois esta não se propôs a fazer isso. Contudo, mediante a teoria desenvolvida por Jung pode-se usar tal arcabouço teórico como uma lente e a partir disso enxergar os fenômenos como um junguiano enxergaria. Assim, tal discussão traz como Tomás de Aquino poderia ser compreendido pela tela teórica de tal psicologia, mas precisamente, sua descrição sobre o pecado da inveja.

Outro ponto é que este estudo usará as teorias propostas por Jung contudo, ao se falar de uma teoria psicológica refere-se a um emaranhado de conceitos, onde, com isso, nem todos eles serão usados neste trabalho, bem como as possíveis associações destes. Desse modo, a ideia do pecado da inveja compreendida pelo filósofo Tomás de Aquino será tratada como se aborda um caso clínico, levando em consideração, nesse sentido, que outro pesquisador poderia

enxergar outros pontos de compreensão junguiana, ou chegar nas mesmas conclusões que tal pesquisa chegou. Não sendo com este artigo uma análise fechada em si, mas abertas a alterações e novos achados.

5.1 O PECADO

Antes de mais nada temos que entender o que seria o pecado para a filosofia tomasiana. Assim, cita-se o próprio autor: “Todo pecado é fundamentado em algum desejo natural, e o homem ao seguir qualquer desejo natural tende à semelhança divina...” (AQUINO, 2000, p.68). O que se tira desta fala é que, para Tomás de Aquino todo homem possui naturalmente o desejo de ser igual a Deus. Vê-se que ele não descreve que homem é este ao qual ele se refere, se é o ser humano ou apenas o homem religioso, aquele que crê em Deus, como quer que o conceba. Contudo, em sua explanação mais adiante, vê-se que ele traz a ideia de desejar assemelhar-se a Deus como se fosse uma tendência humana a buscar a máxima perfeição em seus feitos. Assim, o ato mais perfeito seria semelhante à imagem de Deus. Não sendo necessário crer ou não, mas todos buscariam tal imagem.

Neste sentido o que Tomás explana é muito normal de se encontrar dentro da psicologia analítica, uma vez que neste estudo tal compreensão se corrobora. Nas palavras da psicologia analítica entende-se que toda psique é regulada por um centro, um centro regulador, chamado de si-mesmo, a totalidade psíquica. Este centro tende a criar condições para regular um equilíbrio entre o consciente e o inconsciente. Uma vez adquirido este equilíbrio harmônico, ou seja, sem conflitos entre estes dois polos, a psique se torna imagem semelhante deste centro regulador, tal como se fosse a imagem e semelhança de Deus, onde a psique adquiriria sua mais alta expressão de perfeição (JUNG, 2008).

Posto desta maneira tem-se uma explicação muito mecanizada, para os olhos de alguns, contudo, esta seria a teoria sem a roupagem estética da Anima a qual Jung costumava pôr em suas explicações (DANTAS, 2020). Mas relendo o que foi apresentado, observa-se o que Tomás de Aquino colocou, isto é, que todo homem tem a tendência natural para desejar a semelhança divina.

Ora, é como se estivessem os filhos de Adão, nascidos do pecado original, buscando a semelhança ao Pai, ou melhor, ao Deus de Adão, uma vez que tal semelhança se perdera pelo delito do pecado. Essa semelhança que foi feita do si-mesmo com Deus é comum na teoria analítica (JUNG, 2008, 2013).

O pecado, então, seria, para Aquino (2000) a não busca a esta semelhança com o divino, ou adquiri-la de modo distorcido, desordenado. Assim, sob o viés psicológico, isso seria o mesmo que o eu analítico não caminhar no sentido de integrar seus polos opostos psíquicos. Onde a psique, em vez de se integrar, por meio de processos de assimilação entre consciente e inconsciente, estaria alimentando a cisão entre estes, mantendo a neurose ativa em sua alma (JUNG, 1990, 2008). E como se sabe, todo neurótico tende a regredir a esferas psíquicas, o que, até certo ponto, é considerado normal, porém, regredir e permanecer nas cavernas tenebrosas do inconsciente seria acomodação, levando o mesmo a uma alienação do real, sendo dominado pelas imagens instintivas deste mundo desconhecido (JUNG, 2013).

Assim como existe o movimento de integração dos polos opostos, que gera a simbolização na psique, ou seja, movimentos, atos, pensamentos, ideias, imagens, etc. com os dois polos opostos num mesmo fenômeno, gerando harmonia, existe também a desintegração, que ao contrário da sim-bolização, realiza não a sim-biose, mas uma bipartição psíquica, uma di-visão, ou uma dia-bolização da psique (JUNG, 2000; ENTRE, 2014). O que seria mais próximo do pecado se não o diabólico? Assim, tal processo cria fenômenos extremistas, unilateral, onde, para uma visão religiosa seria a separação com Deus, uma vez que esse representa a união destes contrários.

Esta visão polar da divindade é encontrada em muitas culturas, mas como o contexto tomasiano é necessariamente cristão, optou-se por explicar um pouco sobre esta polaridade divina na esfera do cristianismo. Assim, o que se tem na doutrina cristã é a valorização de Jesus Cristo e a negação do Anticristo, o diabo, porém, é a relação destes dois que cria a arquetipificação central da doutrina cristã, ou seja, o si mesmo psicológico. Tal divisão é uma configuração mais recente destes dois polos, porém vale lembrar que estes estiveram em unidade em outros momentos, como na união inicial de Satanás com Javé, este entendido como sendo Jesus. Coloca Jung (2013, p. 433): “[...] Cristo e o Dragão do Anticristo têm contato íntimo na história de seu aparecimento e de seu significado cósmico. [...]”. Assim, mesmo que de modo inconsciente, a figura central divina, não se deixa de ser polarizada. Contudo, vale considerar que o catolicismo negando o anticristo negou parte deste si-mesmo, centralizador, levando a doutrina a uma neurose dogmática, ou considerando Tomás de Aquino, a um pecado ao rejeitar parte de si.

Tomás de Aquino (2000) diz que um pecado pode levar a outro, devido às suas características, e que ao buscar um bem, usando um pecado para isso, fugindo de um mal oposto, este movimento levaria a um novo pecado. Assim, seria como os vícios capitais

promoveriam novos dentro da vida de um sujeito. Diz ele (AQUINO, 2000, p. 78): “... onde houver um caso especial de atração/repulsão, aí haverá um vício capital diferente dos outros”.

Este pensamento tomista corrobora claramente com a ideia junguiana, uma vez, como já colocado, ir para os extremos dos polos opostos, conseguindo somente pela repulsão de algo ou pela atração, resultaria na cisão psíquica, na neurose do sujeito. Aqui consegue-se chegar num ponto de convergência entre o que Tomás chama de pecado com o que a psicologia junguiana entende por neurose, ou em outros casos, a própria psicose. Pois a mecânica que leva a fundação destes dois fenômenos é a mesma: a negação da integração, da semelhança com o perfeito (JUNG, 2014).

Esta negação cria na psique do pecador o que em termos junguianos se conhece como sombra, que são conteúdos reprimidos no inconsciente. Estes conteúdos são vistos pela Eu como sombrosos, causadores de medo, por isso não há o entrar em contato, logo, não há integração. Assim, quanto mais distante se coloca frente a esse lado sombrio, visto no mundo externo como o próprio mal, mais cingida fica a personalidade deste. Logo, resultando sintomas, e outros mecanismos neuróticos-psicóticos neste, ocorrendo o que Tomás chamou de filhas dos vícios capitais (NICHOLS, 1988; JUNG, 2014).

5.2 A INVEJA

Mesmo já tendo explicado sobre o que seria o pecado em si, Tomás de Aquino (2000) reflete sobre a origem do pecado da inveja e diz:

[...] dá-se também a fuga de um bem enquanto ele impede a realização de outro bem desejado erroneamente: em relação a esse bem o impeditivo, a vontade tem um duplo movimento: de fuga e de rebelião contra ele. Quanto a fuga, estabelecem-se dois vícios capitais em relação ao bem impeditivo: no próprio sujeito ou em outro. (AQUINO, 2000, p. 78)

A fuga no próprio sujeito originaria a acídia, que seria uma tristeza por tal sujeito possuir um bem espiritual, mas que este o impede de usufruir de prazeres corporais, ou de cometer outros pecados. Assim, ele tenderia a fugir contra este bem interno, tornando-se triste consigo mesmo. Porém a *fuga em outro* originaria o pecado capital da inveja. Pois este veria um bem em outra pessoa na qual impediria a este de se auto considerar superior. Como coloca Aquino (2000, p. 79): “... é o caso da *inveja*, que é a dor pelo bem do outro”.

Assim, em termos junguianos, a inveja é a fuga do bem do outro, ou seja, este bem alheio se torna a sombra do sujeito invejoso, a sombra que é interna inconsciente, porém

externalizada, projetada no outro, desse modo, este se incomoda ao ver o bem alheio pois ele se depara com algo em si que não suporta, não aceita.

Assim, este bem alheio, que como descreveu Aquino (2000) impede que o sujeito se veja superior, revela apenas que, mediante a lógica da compensação e da dialética psíquica, que aquilo que é negado revela um polo que é aceito, o sujeito negando o superior alheio deseja ele mesmo ser superior. Sua vontade está sempre voltada para alcançar esta superioridade. Logo, se ele busca a superioridade doentamente é porque ele foge de sua inferioridade, uma vez que só posso buscar/desejar aquilo que sinto não ter. Assim, como internamente a sombra é criada devido a fuga, recorrendo ao seu polo oposto para manter-se em segurança, o invejoso tem como sombra a sua inferioridade, recorrendo na esfera consciente a sua superioridade (DANTAS, 2020; JUNG, 2014, 2013).

Resumindo o que fora apresentado, a sombra deste sujeito não é ver a inferioridade do outro, e nem a sua superioridade, mas seu oposto complementar, que é a sua inferioridade e a superioridade dos outros. Podemos colocar então a inveja tomista na seguinte formula:

Repulsa: Superioridade do outro e inferioridade sua
Desejo: Superioridade sua e inferioridade do outro

Vale considerar uma observação sobre o fato de que Tomás de Aquino (2000) não traz em seu escrito a fuga da inferioridade interna no invejoso, ele apenas descreve que este tende a fugir da superioridade alheia. Contudo, como este estudo trata-se de uma leitura junguiana do escrito tomista, pela lei dos contrários, da dialética junguiana, da compensação dos opostos, aquilo que se nega retorna, e aquilo que se deseja, há uma negação escondida. Deste modo, fez-se necessário considerar na formula proposta a negação da inferioridade interna como oposto complementar do desejo de sua própria superioridade (JUNG, 2013, 2014; DANTAS, 2020).

Essa lógica pode ser defendida mediante a citação do próprio Jung se referindo o um caso de estrutura semelhante ao que aqui se tem: “... atrás da autoconfiança otimista dos primeiros se oculta um desamparo intenso, ou um muito mais intenso, em relação ao qual o otimismo consciente atua como uma compensação malograda” (JUNG, 2014, p. 27). Nesse mesmo texto Jung (2014) deixa claro que toda debilidade interna de um sujeito é compensada por algum outro atributo, escondendo tais lesões por trás de máscaras e personalidade santificadas e perfeitas.

Jung (2013) tem uma frase que caracteriza muito bem o perfil do invejoso a qual se foi possível traçar mediante a ideia de Tomás de Aquino. Diz ele: “[...] O melhor é o mais ameaçado

com certa perversão diabólica, pois foi o que mais reprimiu o mal. [...]” (JUNG, 2013, p. 441). Desse modo, o invejoso tomista foge do mal, seja a superioridade do outro (vista como algo ruim) seja sua inferioridade interna tornando-se assim, susceptível para cair na perversão diabólica, a qual, segundo Aquino (2000) é onde originaria outros pecados.

Esta fuga deste mal interno ou externo tendendo a levar o sujeito à perversão, como colocou Jung, ocorre mediante a lei psicológica que Jung (2013) chamou de enantiodromia, onde quanto mais ao extremo o movimento tende a ir, mais tendencioso é de que ele recaia no seu polo oposto. Todo santo declarado teria seu lado profano escondido.

Por fim, o princípio da inveja que Tomás de Aquino (2000) traz a diminuição do bem alheio, engrandecendo a si mesmo para compensar sua sombra interna. Porém, ao realizar tal mal ao outro esta diminuição ressurgiria no seu oposto complementar, que é a superioridade de si. Com isso, tudo que um nega e detrata no outro ressurge na máscara perfeita e ideal que ele cria de si. Ou seja, ele passa a ter traços do outro negado, sendo então a famosa inveja por imitação, ser parecido com (DANTAS, 2020; JUNG, 2013).

5.2.1 A inveja versus a caridade

Tomás de Aquino (2000) coloca a caridade como sendo o amor ao próximo. Segue sua fala:

Ora, invejar, pelo próprio objeto, implica algo contra a caridade, pois é próprio do amor de amizade querer o bem do amigo como se fosse para si mesmo, porque – como diz o filósofo – o amigo é como se fosse outro eu. Daí que entristecer-se com a felicidade do outro é claramente algo oposto à caridade, pois por ela amamos ao próximo. [...] (AQUINO, 2000, p.90)

O amigo é como se fosse outro eu, ou seja, ele traz a ideia de que o ideal é tratar os outros como se fosse outro eu, cópia de mim mesmo, uma extensão. Com isso, a caridade é vista como um sentir-se bem pelo bem do outro. Sendo assim, a inveja é o polo oposto da caridade. Logo, o mecanismo psíquico que engendra a inveja, como já descrito, seria contrário a formação de laços sociais verdadeiros, uma vez que o laço social “perfeito” seria reconhecer o bem do outro tal como se fosse próprio de si, o outro como um eu.

Assim, a partir do desejo natural pelo bem (semelhança a Deus ou em termos junguianos, a equilibração psíquica, ou individuação), considerado este aplicado na vida de um sujeito, o natural, na visão tomista seria que este desejasse tal bem para o outro, como se fosse para si. Ou seja, como foi visto, este bem que é a imagem divina, significaria a união dos polos

opostos psíquicos, ou o processo que levaria a isso, a individuação³. Desse modo, o sujeito em seu estado natural tenderia a desejar este mesmo processo ao outro, seu meio (AQUINO, 2000).

Logo, a individuação, o integrar-se psiquicamente, reflete nos atos/fenômenos que este organismo produz em sociedade a mesma harmonia interior. Assim a inserção deste indivíduo no social resultaria numa influência inconsciente, ou em algumas vezes consciente, deste processo em direção, falando em termo tomista, a semelhança divina, às outras psiques em seu entorno. Isso seria o oferecer ou desejar o bem ao próximo. Logo, a inveja sendo um processo desintegrativo, como explanado anteriormente, impulsionada pela fuga (medo) da superioridade do outro e da inferioridade de si, levaria ao meio psíquico externo - o social, a desintegração, com isso, a oferecer tal lástima ao próximo, contrariando o polo da caridade (JUNG, 1990).

Jung (1990) falando sobre este processo de influência entre inconscientes em sociedade diz que isso se dá por forças magnéticas atrativas, onde imagens inconscientes tende a atrair outras psiques que estejam em processos semelhantes. Assim, dizendo ele: “Se considerarmos que nem todo homem mora psiquicamente numa concha de caracol, ou seja, que não vive longe dos demais e que seu ser inconsciente se acha ligado a todos os outros homens... [...]” (JUNG, 1990, p. 20), podemos concluir que dentro de um meio social é impossível uma psique não ser influência às outras demais.

Com tudo o que foi dito pode-se pensar que quanto mais sujeitos engajados em seu processo de integração psíquica, responsabilizando com o seu interior, mais boas influências ter-se-iam em sociedade, logo, num grupo social mais saudável, uma vez que o oposto a isso, a desintegração, resultaria em patologias psíquicas graves, como já foi colocado.

Assim, para enlaçar o que se pôde compreender da visão junguiana com o que Tomás de Aquino trouxe, é que é visível entender que sujeitos pecaminosos seriam vírus dentro de uma sociedade, enquanto que sujeitos, não livres do pecado totalmente mas responsáveis por seu autoconhecimento, trariam harmonia e equilíbrio ao meio social. Como coloca Jung (1990, p. 52):

[...] Os verdadeiros líderes ou guias da humanidade são, ao contrário, aqueles que refletem sobre si mesmos e diminuem o peso da massa através de seu próprio peso, na medida em que se mantêm conscientemente afastados da determinação cega das massas em movimento. Entretanto, quem é capaz de opor resistência a essa força de atração tão poderosa que arrasta tudo e todos? Apenas aquele que habitar verdadeiramente seu mundo interior. [...]”.

³ Ver o tópico 4.2 O Processo de Individuação, p. deste artigo

Logo, como se pôde ver, lutar contra os monstros internos, que causam desequilíbrio e cisão psíquica gera saúde não somente para si, mas para toda uma “tribo”, além de garantir este sujeito de se deixar influenciar pelos movimentos destrutivos de massa que vez ou outra irrompem na sociedade.

Pôde-se ver que inconscientes influencia outros inconscientes por meio das relações sociais, e que por isso, uma psique configurada num mecanismo denominado aqui como invejoso, ou seja, a desintegração dos laços sociais, influenciaria outras psiques a entrarem neste processo, o que numa condição em massa pode-se imaginar e deduzir um rompimento total da tribo, da civilização, ou do grupo social (JUNG, 1990).

Pelo que foi colocado vê-se também que, dentro da perspectiva junguiana, a inveja ocorre de modo involuntário, uma vez que basta uma psique estar em estado de regressão, ou em uma neurose/psicose, estaria colocando tal marca no meio social de modo inconsciente e tal como a lei dos pêndulos, influenciando outras psiques. Logo, a inveja tomista existe como *conditio sine qua non* ao doente mental dentro da visão analítica junguiana. Só deixando de ser invejoso quando curar-se de tal neurose ou, não tanto, adentrar ao processo de individuação, pois como colocado, este estaria tornando-se a parte das influências em massa do social (JUNG, 1990).

Pode-se pensar também sobre o colocado ao longo deste trabalho que a causa de toda a neurose social que se ver hoje, chegando a ser considerado um estado normal do ser humano, é devido a personalidades cingidas atuando em relação social, uma adoecendo a outra. Ou falando dentro da visão de Tomás de Aquino, todo o mal existente é devido a falta de caridade com o próximo, prevalecendo na alma humana o pecado capital da inveja. Uma sociedade dividida como a que se tem hoje é uma sociedade formada por sujeitos irresponsáveis por suas neuroses (pecados) vendo-se a importância que há o autoconhecimento (AQUINO, 2000; JUNG, 1990).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de mais nada, vale lembrar que para todos os resultados aos quais chegou a pesquisa foram usados como instrumentos teóricos apenas alguns conceitos do todo a qual a psicologia analítica possui. Além de que, tal como um estudo de caso, de um paciente numa clínica etc., cada estudioso da psicologia verá pontos os quais outros podem não ver, levando assim a entendimentos diferentes, porém complementares. Assim, tal pesquisa considera não findada, mas em processo, uma vez que outras podem surgir a partir desta, ou por ideias semelhantes.

Depois de toda a discussão elaborada pode-se fazer algumas conclusões. Foi visto que a neurose, ou até mesmo a psicose, se encaixa na ideia tomista de pecado, uma vez que ambas falam de uma separação, cisão ou afastamento a uma busca por um estado total da psique, sem partes, mas equilibrado, que na visão religiosa de Aquino é a semelhança ao que se pode entender de Deus⁴. Assim, o pecado da inveja pode ser entendido como um resultado de tal patologia psíquica, a qual seria a dificuldade de estabelecer laços com o próximo e consigo mesmo, levando os sujeitos a serem pessoas sem confiança em si, negando parte suas a quais se considera inferiores. Desse modo, viu-se que a inveja é o polo oposto da caridade, levando este conflito para os meios sociais em geral, sendo uma possível causa da neurose social. Logo, conclui-se que falar de inveja é falar de relações sociais, sendo originária no indivíduo e transportando as massas grupais.

Com tudo isso, notou-se que por menor que seja o grão neurótico num sujeito, esta brecha pode se alargar e cingindo cada vez mais afetar o entorno social deste sujeito. Sendo então, como colocado, importante que cada um se sinta responsável pelo seu processo pessoal de autoconhecimento, ser donos de seus mundos internos. Assim, ficando livres de ser influenciados e influenciar a sociedade como um todo. Levando a integração, e com isso, harmonia, equilíbrio para o próximo. Desse modo pode se ver também o quão importante se faz necessário o instrumento da psicoterapia na sociedade, bem como outros meios de se autoconhecer, como terapias holísticas, e a própria religião, desde que esta seja responsável por oferecer este aprofundar em si.

Por fim, pode-se concluir que pesquisas menos teóricas, mas mais voltadas para estudos de caso, por exemplo, poderia ser uma oportunidade de ver em prática o que foi dito aqui, esperando com os resultados uma comprovação ou não, e ser esta uma via de testar a visão teórica a qual aqui se foi possível chegar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. **Sobre o ensino (de magistro) – Os setes pecados capitais**: tradução e estudos introdutórios de Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CAMOLESI, M. E. D. **A unilateralidade da razão: a crítica junguiana**. 1993. 127 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Psicologia, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1993.

⁴ Assim, pode-se entender que, por meio desta leitura junguiana do fenômeno religioso e cultural do pecado, a importância de não julgar ou detestar os rotulados como pecadores como sendo más pessoas, mas levar em consideração o caráter da saúde mental que há nas entrelinhas deste traço.

DANTAS, A. **Da antiguidade arquetípica a hipermodernidade consumista**. 1. ed. Fortaleza: Clube de Autores, 2020.

DANTAS, A. **Dialética da modernidade: O logos instrumental e o eros simpático**. 1. ed. Fortaleza: Clube de Autores, 2019.

DE BONI, L. A. **Estudos sobre Tomás de Aquino**. Pelotas: NEPFIL Online, 2018.

DE SÁ, J. F. R; FERNANDES, E. G. Psicologia analítica e a interpretação dos personagens dos sonhos lúcidos. **Revista de psicologia**. Bahia, v. 28, n. 1, 146-152 p., 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0146.pdf> >. Acesso em: 09 jun. 2020. DOI [10.1590/1984-0292/1141](https://doi.org/10.1590/1984-0292/1141).

ENTRE o céu e a terra: Entrevista Bernardo de Gregório. TV Brasil. **Youtube**. 15. dez. 2014. 1h37min15s. Disponível em: < <https://youtu.be/2uDYSwiteCY?list=WL> >. Acesso em 01 de fev. 2021.

FREITAS, C. P. V. Abordagem dos setes pecados capitais numa visão de Tomás de Aquino. **Revista Eletrônica Direito e Política**. Itajaí, v. 2, n. 2, 15-33 p., 2007. Disponível em: < <https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/buscalegis2.pdf> >. Acesso em: 15 maio. 2021.

JUNG, C. G. **Aspectos do drama contemporâneo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NICHOLS, S. **Jung e o tarot. Uma jornada arquetípica**. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

PENNA, E. M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 16, n. 3, 71-94 p., 2004. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n3/v16n3a05.pdf> >. Acesso em: 09 jun. 2020.

ROBERTSON, R. **Guia prática de psicologia junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1992.

RUBINI, R. Feridas psíquicas, Jung e o narcisismo. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo, v. 3, n. 1, 41-56 p., 2020. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v38n1/03.pdf> >. Acesso em: 25 abr. 2021.

STIGAR, R; RUTHES, V. R. M. O encontro de Carl Jung com a Filosofia. **Ágora Filosófica**. Recife, v. 20, n. 1, 113 – 129 p., 2020. Disponível em: < <http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1582/1419> >. Acesso em: 09 jun. 2020.